

# Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

(Organizadora)

# **Sexualidade e Relações de Gênero**

## **3**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3)  Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609  1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 306.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabroçam como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0961906096</b>	



**CAPÍTULO 7 ..... 70**

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

*Carle Porcino*

*Cleuma Sueli Santos Suto*

*Dejeane de Oliveira Silva*

*José Andrade Almeida Junior*

*Maria Thereza Ávila Dantas Coelho*

*Jeane Freitas de Oliveira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906097**

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

*Fabiana Duarte e Silva*

*Francielle Pereira Santos*

*Ludmila Nunes Mourão*

*Marília Martins Bandeira*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906098**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Nívia Madja dos Santos*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.0961906099**

**CAPÍTULO 10 ..... 102**

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

*Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório*

*Alana Maiara Brito Bibiano*

*Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral*

*Roberto Firpo de Almeida Filho*

*Taíse Gama dos Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060910**

**CAPÍTULO 11 ..... 107**

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

*Kariane Camargo Svarcz*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060911**

**CAPÍTULO 12 ..... 119**

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

*Maria Izabel Machado*

**DOI 10.22533/at.ed.09619060912**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>152</b>
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>162</b>
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>206</b>
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

**CAPÍTULO 21 ..... 219**

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

*Ângela Kaline da Silva Santos*

*Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida*

*Lucicleide Cândido dos Santos*

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

**CAPÍTULO 22 ..... 230**

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

*Paula Land Curi*

*Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

**CAPÍTULO 23 ..... 242**

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Ângela Maria Simão Ribeiro*

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

**CAPÍTULO 24 ..... 252**

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Jussara Silva da Costa*

*Polena Valesca de Machado e Silva*

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

**CAPÍTULO 25 ..... 264**

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

*Suélem do Sacramento Costa de Moraes*

*Bárbara Hees Garré*

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

**CAPÍTULO 26 ..... 271**

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

*Jaqueline Tubin Fieira*

*Franciele Lorenzi*

*Giseli Monteiro Gagliotto*

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

**CAPÍTULO 27 ..... 283**

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

*Francielen Leandro Apolinário*

*Evelly Paat Sampaio da Silva*

*Elisângela Martins*

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

**CAPÍTULO 28 ..... 291**

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

*Evaldo Batista Mariano Júnior*

*Maria Aparecida Algusto Satto Vilela*

*Valeska Guimarães Rezende da Cunha*

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

**CAPÍTULO 29 ..... 311**

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

*Libna Pires Gomes*

*Paula Land Curi*

*Ivana Maria Fortunato de Barros*

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

**CAPÍTULO 30 ..... 321**

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

*Mariluce Vieira Chaves*

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

**CAPÍTULO 31 ..... 331**

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

*Daniel Cerdeira de Souza*

*Tirza Almeida da Silva*

*Sônia Maria Lemos*

*Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato*

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

**CAPÍTULO 32 ..... 336**

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

*Solange Aparecida de Souza Monteiro*

*Paulo Rennes Marçal Ribeiro*

*Valquiria Nicola Bandeira*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Andreza de Souza Fernandes*

*Carlos Simão Coury Corrêa*

*Isabel Cristina Correia Cruz*

*Fernando Sabchuk Moreira*

*Ana Paula Sabchuk*

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

**CAPÍTULO 33 ..... 348**

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

*Fabíola Calazans*

*Vanessa Santos de Freitas*

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>360</b>
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060934</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>370</b>
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060935</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>376</b>
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060936</b>	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>387</b>
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.09619060937</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>401</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>402</b>

## O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA

**Lucia Maria Felipe Alves**

Universidade Estadual de Londrina

Londrina – PR

**RESUMO:** Sabemos que o corpo humano é constituído de átomos de energia com dois polos (o positivo e o negativo), o que diverge do antigo paradigma que defendia a ideia cartesiana da divisão entre corpo e mente, e espelhava-se nos estereótipos de gênero. O objetivo do presente estudo é compreender o pensar e o sentir, o masculino e o feminino, de forma relacional, em oposição aos fundamentos cartesianos. Na prática, ainda somos regidos por leis baseadas no pensamento masculino, racional, objetivo e unilateral divergente das leis da natureza. Por meio de um levantamento bibliográfico foram coletados dados em sete áreas do conhecimento com base na análise fragmentada dos conteúdos e dos conceitos característicos do paradigma cartesiano. Seguindo a abordagem sistêmica, foram incorporadas metáforas por meio da Música Popular Brasileira, para ampliar o conceito de um corpo coletivo, amparado pela proposta da psicologia junguiana. A partir da afirmação de uma aluna que dizia não poder pular o muro (concreto) com seu corpo de menina para buscar uma bola, vislumbrei os muros metafóricos da subjetividade e do multiverso. “Existe um espírito de fantasia

jogando nos limites entre a ‘brincadeira’ e a ‘seriedade’, a fala e a linguagem e, brincando com esta maravilhosa faculdade de designar, o ‘espírito’ parece estar constantemente saltando entre a matéria (corpo) e as coisas pensadas (mente)” (Huizinga, 1994, p.03). Este trabalho conclui discutindo o conceito de androginia, que considera tanto o masculino quanto o feminino, presentes no mesmo corpo.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculino-feminino; natureza-cultura; paradigmas

### THE BODY OF BRAZIL IN THE GAME OF LIFE

**ABSTRACT:** We know that the human body consists of energy atoms with two poles (the positive and the negative), which diverge from the old paradigm that defended the Cartesian idea of division between body and mind, and based on the gender stereotypes. The aim of this study is to look at the concepts of thinking and feeling, masculine and feminine, in a relational way, in opposition to those Cartesian foundations. It is important to understand the concepts of reality and life, once we are in constant interaction with nature and the universe. However and in a practice way, laws based on rational, objective, unilateral male thinking have ruled us – laws that are divergent from those of nature. Through a bibliographical survey, data were

collected in seven areas of knowledge, based on the fragmented analysis of contents and some concepts of the Cartesian paradigm. Following the systemic approach, it was incorporated metaphors for amplifying the concept of collective body through the Brazilian popular music, supported by some proposals of the Jungian psychology. From the talking of a student that she could not jump over the wall (concrete) to catch the ball of the other side, with her girlish body, I glimpsed the metaphorical walls of subjectivity and multiverse. "There is a spirit of fantasy playing in the boundaries between a 'joke' and the 'seriousness', the speech and the language. Playing with this wonderful faculty of designating the 'spirit' seems to be constantly jumping between matter (body) and thought (mind)" (Huizinga, 1994, p. 03). This work concludes by discussing the concept of androgyny that considers both the masculine and the feminine within the same body. **KEYWORDS:** masculine-feminine; nature-culture; paradigms.

## 1 | INTRODUÇÃO

Durante uma vivência corporal em Educação Física, uma menina ao deixar a bola cair fora da escola, perguntou: "Mas não tem nenhum menino para pular o muro e pegar a bola?"- Por que você não faz isso?" indaguei. "-Menina não sobe no muro, professora!", respondeu ela. Como um pulso eletromagnético e intuitivo, conectei-me à canção de M. Fabrizio, Toquinho, G. Morra e Vinicius de Moraes e com a "força da ingenuidade infantil ligada a um encanto popular que emociona", visualizei o comprometimento dessa resposta diante de um cenário futurista:

[...] Um menino caminha e caminhando chega no muro  
E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está  
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar  
Não tem tempo, nem piedade, nem tem hora de chegar  
Sem pedir licença, muda a nossa vida e convida a rir ou chorar [...]

Assim, o breve diálogo acima foi o mote para iniciar uma pesquisa, cujo objetivo foi refletir sobre as diferenças na construção de gênero masculino e feminino no Brasil a partir do século XX.

Pautada em investigações de cunho bibliográfico, a pesquisa foi dividida em três etapas: A primeira mostrou que o corpo é a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo, sendo através dos olhos e das mãos e não das partes sexuais que as crianças aprendem o universo (BEAUVOIR, 1980, p.9). Compreendi então que o primeiro momento da experiência humana é o universo corporal, haja visto que antes da criança ser um "ser que conhece" (mente), ela é um ser que vive e sente(natureza) e dessa maneira participa, pelo corpo, do conjunto da realidade (cultura). A realidade é o trabalho, a escola, o esporte, a arte, a música, o amor, o sexo, o lúdico, a fantasia, a fé, a religião, enfim, o que denominamos – o jogo da vida. No jogo da vida as marcas do passado, continuam presentes no corpo,

no inconsciente e são percebidas nas vivências corporais de meninos e meninas, alicerçando assim, em seus corpos, “representações” que continuam camufladas pelas roupagens de cada época, onde o passado, o presente e o “futuro” se misturam.

O objetivo da segunda etapa foi verificar as bases biológicas, culturais, religiosas e sociais que estruturam a vivência das crianças, separando essas bases, para serem reconhecidas. Para tanto, fragmentei os estudos em sete áreas do conhecimento: sociologia (BERNARDES, 1992; MURARO,1992), psicologia (PAPALIA,1980; SKINNER,1991; NICHOLS,1995), sexologia (MONTGOMERY, 2005; 1982; HITE, 1980), motricidade (WEINECK, 1989), antropologia (MEAD, 1935), neurologia (PASTORE; FRANÇA, 1995) e endocrinologia (HOWARD R.; LEWIS, 1988), para compreender o cenário onde acontece a construção do desenvolvimento e do comportamento do gênero masculino e feminino brasileiro:

Na terceira etapa, busquei nos estudos de Lowen (1987, p.193-197) o universo dos bosquímanos africanos, traçando um paralelo com as características dos índios primitivos brasileiros e suas relações com seu corpo e com a natureza. Explorei na cultura brasileira, elementos do inconsciente, da subjetividade, e dos arquétipos masculino e feminino, fundamentada na psicologia junguiana, observados através do corpo coletivo do Brasil, dos quais o carnaval, o futebol e a música brasileira BYINGTON (1982, p.1). Com esse intuito, busquei integrar o feminino/natureza (corpo/emoção) brasileira e o masculino/cultura (mente/razão), procurando fazer a religação entre o consciente e o inconsciente coletivo brasileiro, que interagem de forma a projetar o arquétipo da androginia, como revela a música “Falou Amizade” de Caetano Veloso:

[...]Esboça um país mais real  
Um país mais que Divino  
Masculino, feminino e plural”.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

Segundo Bernardes (1992, p.5), nossa cultura ocidental foi cimentada no ideal de “ego branco e masculino” cuja visão estruturou-se no pensamento materialista cartesiano que prevaleceu até hoje, separando a mente, a razão (princípio masculino) do corpo, da emoção (princípio feminino) (FROMM, 2010, p.7). Descartes admitia o materialismo ao supor que a vida do corpo poderia ser compreendida como uma máquina dividida, independentemente da intervenção da alma e de outros fatores subjetivos da realidade. Essa ênfase nas partes tem sido chamada de mecanicista, reducionista ou atomística, que consiste em quebrar fenômenos complexos em pedaços.

Essa divisão ajudou a matar a conexão espontânea que tínhamos com os processos naturais, provocando o desequilíbrio humano: físico, emocional, mental



e espiritual evidenciado na poluição e na destruição do planeta. Nesse processo, os atributos femininos foram difamados e ridicularizados como sangue, cheiro, umidade, terra, intuição, premonição, mistério e magia (TOSI, 1998, p. 369-397). O conhecimento feminino, no período cartesiano (1600-1650) era empírico e apresentava um duplo aspecto: o prático (uso de ervas e minerais de reconhecida eficácia) e o mágico (inseparável do primeiro, que consistia do ritual mágico de homens e mulheres consideradas sábias). Sabe-se que a primeira relação percebida entre o ser humano, a vida na terra e o cosmo foi através do corpo da mulher, no ciclo menstrual, pois este seguia naturalmente as fases da lua. A gravidez era contada por luas (TOSI, 1998, p. 369-397). A desconexão com o todo nos faz sentir, bem no fundo, que está nos escapando algo e este algo, são as infinitas possibilidades relacionais e hipotéticas que a ciência ainda não consegue enquadrar através de sua metodologia tradicional (CAPRA, 1997, p.27).

A primeira oposição ao paradigma cartesiano e reducionista, veio do movimento romântico na arte, na literatura e na filosofia que já se fundamentava no final do século XVIII e início do século XIX. A visão romântica da natureza aceita pelos poetas e filósofos românticos alemães, foi resgatada da tradição aristotélica, cuja noção era de um universo orgânico, vivo e espiritual (CAPRA, 1995, p.63). Entre 1908 e 1961, o filósofo francês Merleau-Ponty (1908-1961) inverteu o paradigma cartesiano "Penso, logo existo", com a seguinte reflexão: "Eu sou meu corpo. Existo, logo penso". Para Fromm apud Lowen (1987, p.175), a mente e o corpo são análogos ao masculino e ao feminino respectivamente e os descreve: "O princípio patriarcal é o de pensamento abstrato, amor condicionado, estrutura hierárquica, leis feitas pelos homens, o estado e a justiça. O princípio matriarcal é o de amor incondicional, igualdade natural, ênfase nos laços de sangue e terra, compaixão e misericórdia. Esses dois princípios podem ser equiparados à mente e ao corpo, a razão e a emoção, respectivamente. O princípio patriarcal representa a razão, as crenças e a cultura. O princípio matriarcal representa o corpo, sentimento fé e natureza".

Para Nichols (1995, p.15), estudioso junguiano, tanto o masculino, como o feminino, o consciente e o inconsciente, o anima e o animus, fazem parte da personalidade como um todo, ele nasce como um todo. A ênfase no todo sistêmico, holístico e ecológico vê os organismos vivos como totalidades integradas: o todo é mais que a soma de suas partes (CAPRA, 1997, p.26). Todos os processos estão interligados, sejam eles biológicos, psíquicos ou geológicos. O clima, por exemplo, está identificado como uma força global unificadora que liga o sistema planetário, os sistemas vivos e a crosta da terra. Nessa perspectiva, se compreende que espírito e matéria são coisas que não se separam, que o universo corporal não está separado nem ao lado ou acima do espírito, mas tem consciência da existência de uma totalidade humana em que a vida é a fonte de energia. Tudo está conectado, em comunhão, num processo criativo e renovador e que todas as coisas do universo são partes interdependentes e inseparáveis de um Todo cósmico (MORAES, 1997, p. 48).

No entanto, estamos ainda apoiados numa visão de mundo dualista e sexista. Observamos isso, através dos sistemas políticos que se organizam e funcionam segundo a lógica de sistemas de dominação e exploração e que podem por na consciência e no comportamento (corpo) de todos, os princípios e conceitos básicos que permitem a dominação de nossa própria existência, mascarando a realidade, com poucas chances para sairmos das amarras dessa trama (MEDINA, 1990, p.30).

O cantor e compositor Paulinho Moska fez uma canção que nos remete a ter consciência sobre essa dominação:

[...]

Meu corpo vai quebrar as formas  
Se libertar dos muros da prisão  
Meu corpo vai queimar as normas  
E flutuar no espaço sem razão

Meu corpo vive, e depois morre  
E tudo isso é culpa de um coração  
Mas meu corpo não pode mais ser assim  
Do jeito que ficou após sua educação

O Corpo – Paulinho Moska

### 3 | AS SETE ÁREAS DO CONHECIMENTO

Sociologia: O que se pensava politicamente sobre a educação da mulher no final do século XIX e nas décadas seguintes do século XX no Brasil, era compreendido de acordo com as reformas sociais e políticas que cada corrente de pensamento pretendia realizar. A Igreja Católica, nesse contexto histórico, procurava preservar a estrutura patriarcal da família, alegando as diferenças básicas entre o homem e a mulher dentro das capacidades civis e políticas e representou o pensamento conservador. Na política, liberais mais moderados, não visavam diretamente a emancipação da mulher, mas sua preparação adequada para o exercício de suas funções de esposa e mãe. O baixo nível de educação feminina era defendido em nome da necessidade moral e social, para a preservação da família LAWE (1967,p.23). Essa concepção de pessoa humana e de mundo evoluiu lentamente e, nas décadas de 60 e 70 surgiram movimentos mundiais, questionando os sistemas de dominação: o hippie, o ecológico e o feminista. O Movimento Hippie foi uma revolução sócio cultural que fez do corpo o seu campo de luta. Contestou o corpo produtivo, o corpo obediente, o corpo eficiente a serviço da competição e da violência, da mesma forma que contestou o corpo higiênico e funcional da ginástica e do esporte, entendendo-se que esses corpos serviam, e muito, para manter a ordem social estabelecida. O Movimento Ecológico teve como bandeira de luta o respeito pela natureza, protótipo do respeito pela pessoa e pelo seu corpo, surgindo daí o desejo de recolocar o corpo na ordem natural

das coisas, numa possível harmonia entre a natureza e a cultura. Esse movimento procurou retirar o corpo do conceito da “indústria corporal”, assim como também o de excluí-lo do mundo do ter (a pessoa humana a serviço do capital) e de situá-lo no mundo do ser (o capital a serviço da pessoa humana). No movimento feminista surgiu um novo corpo sensorial, fonte de emoções e de sentimentos, e reservatório inesgotável da fantasia e foi traduzido pela busca do bem estar, do descobrir e viver o corpo, dividindo-o sem o submeter. Esta concepção quer um corpo para se viver que se opõe a um corpo para se consumir (MURARO, 1992, p.75-87).

Os ecofeministas observam a dominação patriarcal sobre as mulheres como protótipo de todas as formas de dominação e exploração: hierárquica, militarista, capitalista e industrialista e mostram que a exploração da natureza, em particular, tem caminhado de mãos dadas com as mulheres, que tem sido identificadas com a natureza através dos séculos (CAPRA, 1995, p.67).

Psicologia: Segundo Papalia (1980, p.96), o paradigma freudiano difundiu a ideia de que a mulher verdadeira é a dona de casa e a boa mãe, aquela que não compete com o homem, a que não se masculiniza, alegando que o próprio desejo de ser mãe seria o resultado da inveja do pênis e isso só seria resolvido com o nascimento de um menino, que traz com ele o pênis anelado. Ela observa que a falta de orgasmo pela penetração é visto como sinal de anormalidade por muitas mulheres. Essa teoria considerava as mulheres, homens mutilados e que para se tornarem adultas deveriam transferir as sensações eróticas do clitóris, normais na infância, para a vagina. Pela crença de Freud, o sexo masculino é o modelo pelo qual ambos os sexos deveriam ser julgados. As teorias de Freud estavam arraigadas na cultura vitoriana e eram convictas da superioridade masculina PAPALIA (1980, p.96).

Na Análise do Comportamento, Botomé (1992, P.35), enfatiza a interação entre o organismo e o meio ambiente. Esta perspectiva da psicologia não se propõe a “inventar a determinação do comportamento” mas, a descobri-la, descrevê-la e possibilitar mais efetivamente a denúncia do que está envolvido nos processos de utilização dessas leis, no controle social, tanto quanto tornar possível escolher e determinar os comportamentos que queremos ter, caracterizando a nós mesmos em nossa sociedade. Diz Skinner (1993, p.34): “Queremos saber por que as pessoas se comportam da maneira como o fazem. Qualquer condição ou evento que tenha algum efeito demonstrável sobre o comportamento, deve ser considerado descobrindo e analisando estas “causas”. Esta proposta sobre a determinação do comportamento nos remete ao entendimento das inter-relações que o organismo faz com o ambiente, em que o faz, onde há consideração de todas as variáveis envolvidas. Ele analisa o papel da consequenciação nos processos comportamentais em 3 níveis: filogenético, ontogenético e cultural.

Do ponto de vista junguiano, Parker (1990, p.38), mostra que os sonhos são arquétipos universais que trazemos para esfera do inconsciente individual, mas ao

mesmo tempo, estão ligados ao inconsciente coletivo e que carregamos dentro de nós as mesmas motivações de todos os outros seres humanos. São refletidas de forma aproximada pelas mesmas imagens, muitas delas cristalizadas como mitos, lendas e superstições que conhecemos sem ter nunca aprendido, pois vêm até nós através dos contos de fada e pelas esperanças e temores instintivos. Estes elementos fazem parte do multiverso, defendidos pelos estudiosos da Física.

**Sexologia:** Segundo Hite (1980, p.180-185), durante muitas décadas esteve em voga a falsa distinção entre o prazer clitoriano, fácil de obter, porém desprezível e o prazer vaginal, mais intenso e profundo, o único capaz de retratar uma mulher madura. Essa teoria, usou uma óptica exclusivamente masculina e foi desenvolvida no começo do século XX, numa época de extremado puritarismo, quando o corpo e a sexualidade femininas sofriam rígida concepção moral e religiosa. Segundo Montgomery (1994, p.78), o homem centraliza a sua sexualidade no pênis, assim acaba acreditando que com a mulher aconteça a mesma coisa e que o único prazer ocorra na vagina e admitir que todos os orgasmos tenham como foco central o clitóris, atinge em cheio a vaidade masculina, pois aceitar que o todo poderoso pênis não faça a parceira estremecer é um tanto quanto humilhante. Ainda hoje, a ideia de prazer ligado à procriação é considerada natural e inquestionável, mas isso faz sentido, biologicamente falando, somente para o homem, pois o orgasmo acontece quando ele ejacula, o que é imprescindível para a fecundação. No caso do organismo feminino é muito diferente, pois a ovulação é totalmente desvinculada do prazer sexual.

**Antropologia:** Mead (1965) apud Papalia (1980, p.276), coletou dados etnográficos em várias sociedades que revelam uma total inversão dos papéis sexuais atribuídos em nossa sociedade. Na sociedade Tchambulli a mulher é o elemento frio e dominador. Nas sociedades Mundungomor e Arapesh as energias culturais têm-se empenhado na criação de um único tipo humano independentemente de classe, idade ou sexo e com isso se observa, a inexistência de uma atitude específica com relação a cada sexo, pois isso não ocorre necessariamente em todas as sociedades. Portanto, as características tidas pelas sociedades ocidentais como masculinas umas e femininas outras são artificiais, derivadas de um condicionamento histórico-social.

**Motricidade:** As diferenças no desempenho esportivo e motor entre o homem e a mulher, segundo Weineck (1991, p.354), não são provenientes apenas da constituição genética e hormonal, mas também pelas convicções sócio-políticas. Nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna em 1896 em Atenas, só os homens podiam participar, pois Pierre de Couberten (o fundador dos “Novos Jogos”) era da opinião de que o esporte feminino infringia as leis da natureza. Em virtude da igualdade de direitos e decorrente redução dos papéis específicos dos sexos, abriram-se novas possibilidades para a mulher praticar esportes e esporte competitivo. Um resultado disso é a fulminante melhora de desempenho da mulher, que se expressa, entre outros, numa menor diferença no desempenho esportivo entre homens e mulheres.

**Neurologia:** Neurologistas pesquisaram o porquê a emotividade e a habilidade

manual são traços femininos, enquanto a agressividade, a noção espacial e a lógica matemática são identidades masculinas. Segundo Pastore & França (1995, p.76-82), existe um corpo caloso-feixe de fibras-que faz a conexão entre os dois hemisférios e que em certas partes é mais desenvolvido nas mulheres. Ele deduziu que as faculdades cognitivas das mulheres são menos localizadas e conseqüentemente menos especializadas e a principal diferença entre homens e mulheres se encontra na forma pela qual utilizam o cérebro. Nos homens, predomina o uso do lado esquerdo, responsável entre outras funções pelo raciocínio lógico. As mulheres usam tanto a porção esquerda como a direita do cérebro que deflagra os mecanismos da emoção. São mais sensíveis, emotivas e intuitivas. Usam a razão e a emoção numa discussão, mesmo quando se trata de uma conversa de negócios. Nos homens predomina o uso do lado esquerdo responsável entre outras funções pelo raciocínio lógico, são mais frios, agressivos, competitivos: as guerras são masculinas. Muitos consideram o fato de Einstein, Newton e Galileu serem homens não é mero fruto de uma sociedade patriarcal, seria uma vocação biológica masculina. No entanto, Witelson apud Sonnenreich & Bassitt (1980, p.17) dizem que as diferenças na utilização dos hemisférios cerebrais em crianças, não são vistas claramente e que essas diferenças são oriundas da educação. Para El-Hani (1996, p.149-160), o desenvolvimento orgânico depende de um conjunto de fatores genéticos e ambientais que interage de modo extremamente complexo e são decorrentes de uma interação das estruturas biológicas e do ambiente físico e sociocultural.

Endocrinologia: O Sistema Endócrino é formado pelo conjunto de glândulas endócrinas, as quais são responsáveis pela secreção de substâncias jogadas diretamente ao organismo, denominadas hormônios e que regulam a química corporal. São chamados de "mensageiros químicos do corpo". O Sistema Nervoso se entrosa e se entrelaça com a atuação do comando endócrino, que inundam de energia todo o organismo e através de mecanismos extremamente complexos comandam o funcionamento dos órgãos. O Sistema Límbico é um conjunto de estruturas do cérebro cuja função essencial é controlar as emoções, mas também auxilia e participa das funções de aprendizado e memória, podendo também participar do sistema endócrino LEWIS; HOWARD (1988, p.52). Entre as sete principais glândulas endócrinas do corpo, a glândula pineal é conhecida desde a antiguidade como o terceiro olho e contem, em seu interior, cristais de apatita. René Descartes (século XVII) afirmava que nela se situava a "Alma Humana", era um órgão com funções transcendentais, é o elo com a espiritualidade, o centro de nosso relacionamento com outras dimensões e tem sido assim, nas mais variadas correntes religiosas e místicas há mais de 2000 anos CAPRA (1995, p.68). Para Oliveira (2016), a pineal converte ondas eletromagnéticas em estímulos neuroquímicos e o espiritual age pelo campo eletromagnético. "Quando se fala do espiritual, em Deus, a interferência acontece na natureza pelas leis da própria natureza, do corpo como um todo. Se o campo magnético interfere no cérebro, a espiritualidade também interfere através do campo

magnético. “Uma coisa não anula a outra, pelo contrário, complementam-se”.

O corpo e a mente constituem partes inseparáveis de uma só unidade bioquímica, cujo resultado final somos nós Segundo LEWIS & HOWARD(1972, p.11), “existe um processo único em marcha dentro de nós, que é capaz de ter consciência de algumas de suas manifestações ao nível de seus tecidos e órgãos. Já outros sintomas poderão discernir sobre a forma de pensamentos e emoções”.

A poesia em comunhão com a melodia navega nas ondas eletromagnéticas e “Traduzir-se” de Ferreira Gullar, parece conter a metáfora apropriada para este entendimento, pois atinge aspectos cognitivos que ajudam a compreender essa dualidade, bem como, aspectos que abraçam o sentimento.

Uma parte de mim é todo mundo  
Outra parte é ninguém fundo sem fundo  
Uma parte de mim é multidão  
Outra parte estranheza e solidão  
Uma parte de mim almoça e janta  
Outra parte se espanta  
Uma parte de mim pesa, pondera  
Outra parte delira [...]  
Traduzir uma parte na outra parte  
Que é uma questão de vida e morte  
Será arte?

#### 4 | A NATUREZA

Para Lowen (1987, p. p.193-197), o relacionamento do ser humano com a natureza sempre se refletiu em suas crenças religiosas, onde ele compara três atitudes bem divergentes: - a crença em um Deus ou Deuses, a crença nas Forças da Natureza (animismo) e a crença no poder da mente racional. O animismo é a forma mais antiga de religião, baseada na fé e no respeito pela natureza. Quando traçados paralelos entre o comportamento dos bosquímanos da África com os índios primitivos brasileiros, se observa rituais similares quando dançam de forma obsessiva como o fervor religioso. Através da música e da dança os povos da floresta renovam seus espíritos e fortalecem sua fé no destino de seu povo. Isso se dá porque seu ego ainda se identifica com seu corpo e seus sentimentos, havendo, ainda a conexão espontânea entre aspectos racionais e não racionais, entre o consciente e o inconsciente. A condição da pessoa moderna é a dissociação do ego e do corpo o que a força a ser objetiva. Segundo Lowen (1987, p. p.193-197), o primitivo vive o subjetivo como uma criança e a subjetividade leva a crença em espíritos e mágica, que a pessoa moderna não pode compreender, nem aceitar. A pessoa moderna considera esses pensamentos irrealis e acredita que a objetividade é a única forma válida para perceber a realidade. Isso levou o ser humano a acreditar na crença num Deus único

e poderoso e mais associado à mente que ao corpo. As grandes religiões do mundo ocidental impõem a visão do espiritual *versus* o material e tudo o que é negado à espiritualidade, torna-se de ordem inferior, como o corpo e a mulher.

Para fazer a conexão entre pensamento e sentimento, masculino e feminino faço referência a música Super Homem, a Canção, do mestre Gilberto Gil

Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria  
Que o mundo masculino tudo me daria  
Do que eu quisesse ter

Que nada, minha porção mulher que até então se resguardara  
É a porção melhor que trago em mim agora  
É o que me faz viver

Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera  
Ser o verão no apogeu da primavera  
E só por ela ser

Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória  
Mudando como um Deus o curso da história  
Por causa da mulher

Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória  
Mudando como um deus o curso da história  
Por causa da mulher

## 5 | A CULTURA DO CORPO DO BRASIL

A cultura brasileira tem no corpo a sua maior expressividade, sendo que da cultura negra, incorporamos a sensualidade e o prazer de não reprimir nem conter os movimentos corporais, do índio, temos a ingenuidade, o riso e a lealdade e da cultura branca europeia, recebemos as normas, as instituições, as repressões e pressões sociais ANJOS (1994, p.21). Para muitos, o carnaval (as danças), o futebol e a música, são dois grandes exemplos de alienação social no Brasil, mas é uma visão superficial da cultura brasileira, pois só os símbolos, que alimentam a vida psíquica de um povo, fazem vibrar a psique individual e coletiva de um povo BYINGTON (1982, p.1).

O carnaval (a palavra) provém de carrus navalis, o barco a remo que levava o primeiro bailarino das danças que comemoram a fertilidade do deus Dionísio, sua morte e ressurreição ELLMERICH (1964, p.132). Para Jung (1992) apud Maia (2014), o inconsciente busca sempre restituir ao mundo religioso o drama do Dionísio perdido, pois nesse drama existe a emoção, o afeto humano e a fantasia que não encontrou uma forma religiosa adequada de expressão na ética e no culto cristãos. Assim, se busca uma combinação de ideias religiosas cristãs e dionisíacas sem que uma exclua

a outra. Segundo Byington (1982, p.1), no carnaval há ênfase dos valores pagãos, cujos princípios carnavalescos, como fenômenos arquetípicos, estão nas raízes de fenômenos universais e reminiscências arcaicas presentes na psique humana e implica numa área de fantasias e emoções conscientes e inconscientes. O tempo do carnaval é marcado pelo relacionamento entre Deus e os homens, tendo por isto um sentido universal e transcendente. É como um rito de passagem onde se cria uma realidade intermediária ou, de um tempo de fantasia para o da realidade racional.

Byington e Da Matta (1982, p.7) também analisam o futebol, considerando-o um jogo revolucionário por ser associado ao carnaval, festa ligada à liberação das emoções e instintos; por ser jogado com os pés, símbolos do irracional numa cultura cada vez mais racionalmente organizada e planejada de forma repressiva; por ser um esporte coletivo, por dirigir as emoções do povo para uma disputa que acaba bem e, finalmente, por ser uma atividade social que subordina a agressividade ao esporte. Contrariamente aos torneios patriarcais, que submetiam o esporte à agressividade, preparando o povo para a guerra, o futebol conseguiu sobrepor à agressividade através da transformação da morte do inimigo no símbolo do gol.

O carnaval, o futebol e a música, sempre foram grandes canais de expressão da criatividade popular e funcionam de maneira bem parecida. Mesmo sendo de um país de terceiro mundo, em busca do desenvolvimento, o carnaval, o futebol e os músicos brasileiros são reverenciados no mundo todo, em parte pela técnica refinada, pelo ritmo, pela capacidade de improviso, pelas soluções inesperadas, pela surpresa de invenções.

Afirma Jung apud Salik (2010, p.41) que de certa forma, a música expressa o movimento dos sentimentos (ou valores emocionais) que acompanham os processos inconscientes, podendo notar que o som físico, “real”, simboliza, reflete e também ressoa o som que cada ser humano carrega em sua psique mais profunda.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tantos atributos corporais/naturais nascidos da cultura brasileira e relacionadas aos arquétipos anima no homem e animus na mulher, deduzo que a androginia é um “ser e estar” no “corpo do Brasil”. Assim como o carnaval, as danças representam arquetipicamente o feminino, o futebol representa o masculino, mas ainda dormem no inconsciente coletivo do povo brasileiro.

Considerando a pesquisa de Lyra (2012, p.54), a androginia não é apenas uma remota representação de mitos e lendas, da união ou da manifestação biológica instintiva, seu conceito se abre na potencialidade do vir a ser que sonha realizar o feminino e o masculino numa determinação para novos valores. O ser humano, na plenitude de sua totalidade, deve possuir uma unidade que transcenda os estereótipos de gênero. Carl Jung (1993, p.105) descreveu sobre essa transcendência.



“O corpo exige igualdade de direitos. Houve durante muito tempo a valorização do espírito e da mente e uma negação do corpo. A antiga concepção entre espírito e matéria compunha um estado de divisão e contradição, mas se compreendermos que o espírito é a vida do corpo vista de dentro e o corpo é a revelação exterior da vida do espírito, entendemos que formam uma unidade e por isto precisam ambos estar presentes no universo único de uma pessoa”.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, J. V. **A alma brasileira**. São Paulo: Saraiva, 1994.

BOTOMÉ, S. P. **Determinação do comportamento e intervenção social**. Texto traduzido para fins didáticos. UEL, 1992.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.  
—, **O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

ELLMERICH, L. **História da Dança**. São Paulo: Editora Recordi, 1964.

FAUR, M. **Diário da grande mãe**: Brasília: Forças Ocultas, 1997.

FREIRE, R.; BRITO, F. **Utopia e paixão: A política do cotidiano**. Rio de Janeiro: Hoogan-Guanabara, 1991.

HITE, S. **O Relatório Hite**. 10ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

HUIZINGA, Johan. **Homoludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

JUNG, C. G. **Civilização em transição**. Petrópolis: Editora Vozes, 1993, parágrafo 195, capítulo IV, volume 10/3 das Obras Completas.

LEWIS; HOWARD R. **Fenômenos Psicossomáticos: Até que ponto as emoções podem afetar a saúde**. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1988.

LOWEN, A. **O corpo em depressão: as bases biológicas da fé e da realidade**. São Paulo: Summus, 1987.

MEDINA, João P.S. **O brasileiro e seu corpo: Educação e política do corpo**. Campinas: Papyrus, 1990.

MONTGOMERY, M. **Mulher: uma radiografia do universo feminino**. São Paulo: Editora Prestígio, 2005.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.

MURARO, R. M. **A Mulher no Terceiro Milênio: Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NICHOLS, S. **Jung e o tarô: uma jornada arquetípica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

PAPALIA, D. **O mundo da criança**. São Paulo: Editora Macgrw Hill do Brasil, 1980.

- PARKER, D; PARKER, J. **O segredo dos sonhos**. São Paulo: Editora Best Seller, 1990.
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SONENREICH, C; BASSITT, W. **Sexualidade e repressão sexual**. São Paulo: Editora Manole LTDA, 1980.
- TOSI, Lúcia. **Gênero, tecnologia e ciência: a revolução científica, a caça as bruxas e a ciência moderna**. Campinas: Cadernos Pagú (10) 1998: p. 369-397.
- BERNARDES, N. M. G. **Vida cotidiana e subjetividade de meninas e meninos das camadas populares: meandros de opressão, exclusão e resistência**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, vol.12 nº3-4, Brasília, 1992.
- BYINGTON, C. A. B. **O arquétipo da alteridade e a riqueza simbólica do futebol: uma contribuição da Psicologia Simbólica Junguiana**. *Revista Psicologia Atual*. Ano 5, nº 25, São Paulo, julho 1982.
- EL-HANI, C. N. **Diferenças entre homens e mulheres: biologia ou cultura?** *Revista USP*, nº29, São Paulo: p.149-160, março/maio1996.
- LYRA, S. **Arte e gênero androginidade: a dialética do apogeu**. *Revistas Pistis Prax*. V.4, n.1, p. 52, Curitiba, janeiro/junho 2012.
- PASTORE, K.; FRANÇA, V. **Neurônios que fazem a diferença**. *Revista veja*. São Paulo. ano 28, no 12, 1995, pp. 76-82.
- MAIA, D. **Carnaval: uma experiência arquetípica**. Instituto junguiano de São Paulo. Disponível em; < <http://ijusp.org.br/artigos/carnaval-uma-experiencia-arquetipica>>. Acesso em 02 maio 2016.
- OLIVEIRA, S. F. **Pineal: a união do corpo e da alma**. *Instituto de Pesquisa Projeciológicas e Bioenergéticas*. Disponível em: <<http://www.ippb.org.br/textos/especiais/mythos-editora/pineal-a-uniao-do-corpo-e-da-alma>>. Acesso em 04 maio 2016.
- RODRIGUES, M. H. **Religião, Deus e símbolos em C. G. Jung: tecendo considerações**. *Revista Contemplação*, vol. 12, Passo Fundo, 2015 (12), p.183-197. Disponível em: <<http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/89>>. Acesso em 3 maio 2016.
- SALIK, A. G. **Sonoridades anímicas: o som nos mitos cosmogônicos indígena-brasileiros**. Monografia apresentada. Disponível em: <[http://www.symbolon.com.br/monografias/\[16\]\\_Revisado\\_\\_Sonoridades\\_animicas\[1\].pdf](http://www.symbolon.com.br/monografias/[16]_Revisado__Sonoridades_animicas[1].pdf)>. Acesso em 29 abril 2016.

## REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS

- FAGNER, Raimundo. **Traduzir-se**: Ferreira Gullar. Rio de Janeiro, gravadora CBS, 1981. Álbum Traduzir-se, produção Raimundo Fagner
- FILHO, Antonio P; **Aquarela**: M.Fabrizio; Toquinho; G.Morra; Vinicius de Moraes. Rio de Janeiro, gravadora Barclay/Ariola, 1983. **Álbum** Aquarela, produção Toquinho.
- GIL, Gilberto. **Super homem, a canção**. Gilberto Gil. São Paulo, gravadora Wea Elektra, 1979. Álbum Realce, produção Marco Mazzola.
- MOSKA, Paulinho. **O Corpo**, São Paulo, gravadora Emi Odeon, 1995. **Álbum** Pensar é Fazer

**Música**, produção Nilo Romero.

OLIVEIRA, Simone B. **Falou Amizade**: Caetano Veloso. Rio de Janeiro, discos CBS, 1989. **Álbum Sedução**, produção @Saturno, Marco Mazola; Simone

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338  
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390  
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

### B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

### C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

### D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398  
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310  
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388  
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

## F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

## G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

## H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

## I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

## J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

## **L**

Ludicidade 152

## **M**

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

## **N**

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

## **P**

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

## **R**

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

## **S**

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393  
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

## V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-609-6

